

## **MENÇÕES À TRADIÇÃO POPULAR: O PAPEL DO PRECEDENTE NA CONCEPÇÃO ARQUITETÔNICA DE LUCIO COSTA**

***Mentions to vernacular tradition: the role of precedent in Lucio Costa's architectural conception***

ALVES, Taís Peixoto<sup>1</sup>; & RIOS, Cauê Martins<sup>2</sup>

### **Abstract**

This paper critically examines various texts by architect and urbanist Lucio Costa, highlighting his mentions of popular tradition to understand the rationale behind his use of precedent as the foundation of his architectural conception. The analysis begins with Costa's 1937 text "Documentação Necessária" ("Necessary Documentation"), which reinforces the role of popular tradition. This complements his 1934 text "Razões da Nova Arquitetura" ("Reasons for the New Architecture")—a foundational work for Brazilian modern architecture that primarily referenced erudite tradition. Together, these texts established Costa's theoretical foundations by striking a balance between mentions of colonial vernacular and classical academic traditions, thereby shaping the development of modern architecture in Brazil. The selected texts span from the 1930s to the 1980s, providing insight into how Costa's discourse legitimised his architectural approach. Costa sought a synthesis rather than merely imitating vernacular colonial tradition or breaking entirely from the past, as many contemporaries did. His position contrasts with the dominant modernist narrative that viewed architecture as a rupture from historical references, favouring a universal aesthetic rooted in technology and function. Costa's singular role in Brazilian modernism emerges from his continuous engagement with scholarly and vernacular historical precedents. His architectural thought demonstrates a deliberate integration of tradition, ensuring continuity while embracing modern principles.

### **Resumo**

Este artigo analisa criticamente diversos textos do arquiteto e urbanista Lúcio Costa, destacando as suas referências à tradição popular para compreender a lógica subjacente ao uso do precedente como base da sua conceção arquitetônica. A análise começa pelo texto de 1937 de Costa, «Documentação Necessária», que reforça o papel da tradição popular. Isto complementa o texto de 1934, «Razões da Nova Arquitetura», um trabalho fundacional para a arquitetura moderna brasileira que se apoia sobretudo na tradição erudita. Em conjunto, estes textos estabelecem os alicerces teóricos de Costa ao equilibrar as referências à tradição vernácula colonial e às tradições académicas clássicas, moldando assim o desenvolvimento da arquitetura moderna no Brasil. Os textos selecionados abrangem o período dos anos 1930 aos anos 1980, oferecendo pistas sobre a forma como o discurso de Costa legitimou a sua abordagem arquitetônica. Costa procurou uma síntese, em vez de simplesmente imitar a tradição vernácula colonial ou romper por completo com o passado, como fizeram muitos dos seus contemporâneos. A sua posição contrasta com a narrativa modernista dominante, que via a arquitetura como uma ruptura em relação às referências históricas, privilegiando uma estética universal enraizada na tecnologia e na função. O papel singular de Costa no modernismo brasileiro decorre do seu envolvimento contínuo com precedentes históricos eruditos e vernáculos. O seu pensamento arquitetônico evidencia uma integração deliberada da tradição, assegurando a continuidade ao mesmo tempo que acolhe os princípios modernos.

**Key-words:** Architectural theory; Modernism in Brazil; Historical continuity; Design methodology.

**Palavras-chave:** Teoria da arquitetura; Modernismo no Brasil; Continuidade histórica; Metodologia de projeto.

**Data de submissão:** junho de 2025 | **Data de publicação:** setembro 2025.

<sup>1</sup> TAÍS PEIXOTO ALVES -Universidade Federal de Santa Maria. BRASIL. Email: [taispeixotoalves@hotmail.com](mailto:taispeixotoalves@hotmail.com)

<sup>2</sup> CAUÊ MARTINS RIOS - CITTA Research Centre for the Territory, Transports and Environment, Faculty of Engineering, University of Porto, PORTUGAL. Email: [cauerios@hotmail.com](mailto:cauerios@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

O campo de estudo do presente artigo situa-se no âmbito dos escritos publicados pelo arquiteto e urbanista Lucio Costa (1902-1998), submetidos a uma leitura crítica que delimitará progressivamente o recorte temático o qual se refere o próprio título deste trabalho: o papel do precedente na concepção arquitetônica de Lucio Costa. A relevância da obra escrita do mestre brasileiro é amplamente reconhecida e sua escolha como objeto de estudo dispensa comentários: interessou desde o início a esta investigação a notável repercussão da fundamentação teórica nela proposta para a prática da arquitetura moderna no Brasil, a qual influenciou gerações de estudantes e profissionais de arquitetura, particularmente no momento pioneiro das primeiras realizações, marcadas por profundas incertezas e transformações na sociedade e na produção arquitetônica.

O conjunto de artigos sobre a arquitetura moderna legado por Lucio Costa tornou-se um marco no desenvolvimento do Movimento Moderno em terras brasileiras e consolidou sua posição como líder intelectual da introdução e afirmação da nova arquitetura (como então se dizia) no Brasil. Em seus escritos assume um papel singular e diferenciador a constante menção à tradição erudita e à tradição popular, apresentadas como parte de um mesmo fenômeno histórico. Lucio Costa reverencia o protagonismo, na produção arquitetônica, de precedentes advindos de qualquer uma dessas tradições, no sentido de criar elos e, assim, auxiliar harmoniosamente as transformações que estavam por vir. Tudo isso, sem rupturas drásticas, sem deixar de valorizar o que o homem do passado conquistou e que pode ser reaproveitado, para progredir em inexorável evolução.

Ao examinar as menções à tradição nos textos de Lucio Costa, constata-se a referência à arquitetura de tradição erudita e à arquitetura residencial de tradição popular, do período colonial, no papel do precedente na sua concepção arquitetônica. Para Costa, a arquitetura erudita se diferencia da arquitetura popular (ou vernacular) não por sua aparência em si, mas pela maneira com a qual cada uma foi concebida e construída. Na arquitetura erudita, seu processo de concepção e execução apresenta um conhecimento específico, que é empregado e adquirido por uma formação profissional e artística, acadêmica ou autodidata. A arquitetura é considerada popular ou vernacular quando produzida por leigos, ou seja, aqueles que não estudaram a disciplina “arquitetura”. É o caso dos próprios usuários e construtores que, empiricamente, executam suas obras.

Estas constatações estão na origem das preocupações intelectuais que motivaram a investigação que deu lugar à tese intitulada “Razões da Tradição: o papel do precedente na concepção arquitetônica de Lucio Costa”, pela autora deste artigo, Taís Alves, agora finalizada e que sugeriram o próprio foco deste artigo, isto é, a delimitação, no âmbito do pensamento teórico de Costa, da questão do precedente, para buscar as razões da tradição tal como por ele enunciadas em seus numerosos textos, ainda relativamente pouco analisados em seu conjunto, deslocando para segundo plano a sua obra arquitetônica, já estudada por muitos.

O foco do artigo, portanto, está nas razões que levam Costa a valorizar tanto a tradição popular colonial, seguindo a mesma preocupação formativa de Guadet (Guadet, 1909), e não propriamente como ele a usava em seus próprios projetos, embora as duas questões permaneçam interligadas. Para tanto, faz-se necessário esclarecer os conceitos relacionados à composição arquitetônica, por fazerem parte das categorias teóricas utilizadas por Costa, para melhor entendimento de sua obra escrita, baseados nas teses de Guadet (1909), as quais presidiram a formação arquitetônica da geração de Lucio Costa. São esses os elementos de arquitetura, os elementos de composição e as regras de composição. Os elementos de arquitetura podem ser entendidos como os diversos componentes físicos que constituem os edifícios, tais como paredes, janelas, colunas, coberturas, entre outros. Nesses elementos, encontram-se as referências estilísticas (capitéis clássicos, arcos ogivais góticos, janelas coloniais e azulejos portugueses, entre outros). Os elementos de composição constituem os volumes ou espaços que são configurados pela reunião de elementos de arquitetura (salas, salões, pórticos, naves, auditórios). Esses volumes podem ter dimensões e formas geométricas diversas.

Guadet (1909) afirma que os elementos de arquitetura e de composição (elementos materiais e volumes espaciais) se aprendem pela simples observação dos diversos exemplos encontrados na história. Já com relação às regras para a composição desses volumes, verifica-se a necessidade de um esforço no sentido de se depreender a essência do conteúdo organizativo dos grandes exemplos de arquitetura do passado. Isso torna clara a seqüência de três etapas que Guadet menciona no final do “Chapitre premier”: primeiro, é preciso conhecer os elementos de arquitetura; depois, os elementos de composição; finalmente, a própria composição. Segundo Guadet, para compreender perfeitamente precisa-se, de início, conhecer os componentes físicos isolados (paredes, portas, janelas, pilares, tetos, escadas); a seguir, devemos conhecer esses elementos

montados em volumes com espaço interno (salas, corredores, salões); por fim, devemos vislumbrar como reunir esses volumes num todo, usando as regras de composição (sistemas de eixos, emprego de simetria, hierarquia na distribuição de volumes, sistemas de proporção e modulação, tectonicidade, entre outros).

Outro esclarecimento importante, que valoriza a argumentação desta temática e que antecedem à elaboração deste artigo, são dois importantes trabalhos que serão destacados por apresentarem assertivas quanto às possíveis explicações relacionadas ao uso da tradição por Costa em sua prática projetual. Em 1954, no livro intitulado “Artigos e estudos de Costa” (Centro de Estudos de Teoria de Arquitetura, 1954), desenvolvido por acadêmicos da Faculdade de Arquitetura da UFRGS, sob a orientação do professor de teoria da arquitetura dessa mesma instituição, Edgard Graeff, observa-se comentários provenientes deste grupo de pesquisa (imagina-se que seja um consenso compartilhado pelo professor e seus alunos, pois são todos autores), que Costa ao pesquisar o precedente, extraí da tradição erudita clássica regras compostivas para conceber os seus projetos e as associa as novas tecnologias, assim como ao contexto brasileiro.

Posteriormente, verificar-se-á, por exemplo, na tese de doutorado de Carlos Eduardo Dias Comas (Comas, 2002), ao analisar os projetos arquitetônicos de Costa, uma retomada das incipientes colocações dessa publicação de 1954, em que o autor, ao expressar essa mesma ideia, acrescentará a influência dos conceitos de Guadet sobre Costa, devido à sua formação acadêmica, ou seja, enfatizará que Costa extraí do precedente de tradição erudita clássica as regras compostivas, e do precedente de tradição popular colonial brasileira os elementos de arquitetura e de composição, ambas vinculadas aos novos preceitos e tecnologias advindas do movimento moderno.

Das leituras acima e outras pesquisas bibliográficas realizadas que abrangem este tema, contudo, ficou o seguinte questionamento: se o foco deste artigo é o papel do precedente na concepção arquitetônica de Costa, mais especificamente, como ele se enuncia em sua obra escrita? É possível buscar nessas teses antes abordadas evidências do enraizamento direto desta noção em seu pensamento, já que ambos os autores referidos anteriormente estavam abordando, como foco principal, obras projetuais de Costa e não os seus textos publicados, ou cabe ir além à releitura das publicações? Portanto, a pergunta inicial foi a seguinte: como Costa aborda em seus textos a referência a essas tradições e como será possível, ao fazer essa verificação, encontrar as razões por ele apresentadas para validar teoricamente esse uso? A resposta a esta dupla pergunta

somente será possível ao final de uma argumentação que levará em conta, preliminarmente, a análise crítica dos textos de Costa que, no decorrer desse artigo, serão paulatinamente apresentados e comentados com foco nas suas menções à tradição popular colonial.

## **ENTRE A TRADIÇÃO VERNÁCULA E A MODERNIDADE: O LEGADO TEÓRICO DE LÚCIO COSTA**

### ***“Documentação Necessária”***

O texto “Documentação Necessária” foi publicado em 1937 no primeiro número da revista “Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional” (SPHAN). Segundo Lucio Costa, nesse texto, que no livro “Registro de uma vivência” está datado de 1938, a arquitetura popular em Portugal apresenta um maior interesse que a arquitetura erudita por diferenciar a arte do povo da arte dos intelectuais. Isso permite melhor entender a arquitetura de tradição popular colonial no Brasil. Costa afirma que é nas construções rurais que as qualidades da população de caráter mais humilde aparecem de uma maneira mais pura e natural, com reflexos em sua arquitetura. Costa acredita que analisando essas arquiteturas precedentes é possível identificar elementos ainda válidos que podem ser recuperados e aplicados na prática projetual do presente:

A nossa casa se apresenta assim, quase sempre, desativada e pobre, comparada à opulência dos “palazzi” e “ville” italianos, dos castelos de França e das “mansions” inglesas da mesma época, ou à aparência rica e vaidosa de muitos solares hispano-americanos, ou, ainda, ao aspecto apalacetado e faceiro de certas residências nobres portuguesas. Contudo, afirma-se que ela nenhum valor tem, como obra de arquitetura, é desembaraço de expressão que não corresponde, de forma alguma, à realidade. Haveria, portanto, interesse em conhecê-la melhor, não propriamente para evitar a repetição de semelhantes leviandades ou equívocos – que seria lhes atribuir demasiada importância -, mas para dar aos que de alguns tempos a esta parte se vêm empenhando em estudar de mais perto tudo que nos diz respeito, encarando com simpatia coisas que sempre se desprezaram ou mesmo procuraram encobrir, a oportunidade de servir-se dela como material de novas pesquisas, e também para que nós outros, arquitetos modernos, possamos aproveitar a lição da sua experiência de mais de trezentos anos, de outro modo que não esse de lhe estarmos a reproduzir o aspecto já morto (Costa, 1995c, p. 458).

Ao analisar o pensamento de Costa quanto à importância dada ao papel do precedente, de acordo com a citação anterior verifica-se que Costa valoriza da mesma maneira o precedente advindo da tradição popular colonial quanto o precedente advindo

da tradição erudita clássica, este último. Nos dois casos, Costa afirma que ambos possuem muito a ensinar e que podem servir como materiais de pesquisa e interpretação crítica para aplicação na arquitetura moderna. Ou seja, segundo Costa: “evitar a repetição de semelhantes leviandades ou equívocos (...).” Porém: “(...) para que nós outros, arquitetos modernos, possamos aproveitar a lição da sua experiência de mais de trezentos anos, de outro modo que não esse de lhe estarmos a reproduzir o aspecto já morto.” Costa propõe um olhar crítico às soluções advindas da tradição popular colonial, por acreditar que o precedente apreciado pode influir na concepção da arquitetura moderna, mas em uma posição totalmente diferente dos arquitetos que estavam produzindo a arquitetura neocolonial, através da repetição de elementos com função decorativa que lembravam as construções coloniais. Nesse fato, que aparece no final da frase citada, percebe-se uma nítida crítica de Costa a esse estilo.

Costa then explicitly positions himself against neocolonialism and provides a general overview of the characteristics of houses built throughout Brazil over the centuries, culminating in the most straightforward constructions made of pau-a-pique, featuring an independent structural framework. He associates this construction technique, rooted in colonial vernacular traditions, with the new technology of reinforced concrete:

(...) sem esquecer, por fim, a casa “mínima”, como dizem agora, a dos colonos e – detalhe importante este – de todas elas a única que ainda continua “viva” em todo o país, apesar do seu aspecto tão frágil. É sair da cidade e logo surgem à beira da estrada, como se vê pouco além de Petrópolis, mesmo ao lado de vivendas de verão de aspecto cinematográfico. Feitas de “pau” do mato próximo e da terra do chão, como casas de bicho, servem de abrigo para toda a família – crianças de colo, garotos, meninas maiores, os velhos -, tudo se mistura e com aquele ar doente e parado, esperando... (o capitalista vizinho – esportivo, “aerodinâmico” e bom católico – só tem uma preocupação: que dirão os turistas?) e ninguém liga de tão habituado que está, pois “aquito” faz mesmo parte da terra como formigueiro, figueira-brava e pé de milho – é o chão que continua... Mas, justamente por isto, por ser coisa legítima da terra, tem para nós, arquitetos, uma significação respeitável e digna; enquanto que o “pseudomissões, normando ou colonial”, ao lado, não passa de um arremedo sem compostura. Aliás, o engenhoso processo de que são feitas – barro armado com madeira – tem qualquer coisa do nosso concreto-armado e, com as devidas cautelas, afastando-se o piso do terreno e caiando-se convenientemente as paredes para evitar-se a unidade e o “barbeiro”, deveria ser adotado para casas de verão e construções econômicas de um modo geral. Foi o que procuramos fazer para a vila operária de Monlevade, perto de Sabará, a convite da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira – não tendo sido o projeto levado a sério, já se vê (Costa, 1995:458-459).

Costa, nessa parte do texto, começa a revelar que, em primeiro lugar, sobre a análise das questões relacionadas ao papel do precedente advindo da tradição erudita que este, deveria ser analisado e extraído de sua essência os princípios e leis compositivas inerentes ao objeto arquitetônico estudado com a finalidade de desenvolver e embasar a criação arquitetônica. Na citação anterior, constata-se que o papel do precedente advindo da tradição popular está no conhecimento e aprendizagem de suas técnicas e materiais empregados, com a mesma finalidade do precedente erudito, ou seja, subsidiar de maneira crítica, a criação arquitetônica. Portanto, de precedentes advindos de tradições distintas, Costa parece destinar o tipo de extração que melhor convém a cada uma das mesmas, porém, ambas, com a mesma finalidade, fundamentar teoricamente a prática projetual. A seguir, as próprias palavras de Costa reforçam a idéia anteriormente exposta:

O estudo deveria demorar-se examinando ainda: os vários sistemas e processos de construção, as diferentes soluções de plantas e como variavam de uma região à outra, procurando-se, em cada caso, determinar os motivos – de programa, de ordem técnica e outros – por que se fez desta ou daquela maneira; os telhados que, de traçado tão simples no corpo principal, se esparramavam depois para ir cobrindo – como asa de galinha – os alpendres, puxados e mais dependências, evitando os lanternins e nunca empregando o tipo de Mansard tão em voga na metrópole, mas conservando sempre o galbo inconfundível do telhado português e apresentando até, por vezes, nos telheiros menores dos engenhos e fazendas – como se vê nas gravuras da época – uma linha mais frouxa e estirada que muito contribuiu para a impressão de sonolência que eles dão; os tetos forrados com “camisa e saia” em gamela à feição do madeiramento da cobertura; as esquadrias e respectivas ferragem, particularizando os modelos usuais – portas de almofada, janelas de guilhotina com folhas de segurança e gelosias de proteção – só aparecendo no século XIX as venezianas; (...) Resultariam, de um exame assim menos apressado, observações curiosas, por isto que em desacordo com certos preconceitos correntes e em apoio das experiências da moderna arquitetura, mostrando, mesmo, como ela também se enquadra dentro da evolução que se estava normalmente processando (Costa, 1995:458-459).

Mais uma vez, cabe relembrar que o foco deste artigo está nas razões que levam Costa a usar a tradição e não que uso da mesma ele faz. Logo, a pergunta nesse artigo seria: Quais as razões da tradição popular advindas do período colonial para Costa? No texto “Razões da Nova Arquitetura, de 1934, é possível constatar algumas possíveis razões para Costa embasar a arquitetura moderna através da valorização do precedente advindo da tradição erudita, em síntese, uma das possíveis razões estaria na defesa da própria inserção da nova arquitetura, no sentido de tentar conciliar posições antagônicas de profissionais satisfeitos com a novidade, mas com tendência a romper com tudo que

precedeu e, outros, insatisfeitos, por acreditarem que a mesma rompe com a tradição. Costa, inteligentemente, aborda em seu texto “Razões” que a expressão formal pode ser nova, consequência direta de novas tecnologias, todavia o vínculo com a tradição erudita da arquitetura é perene, pois a concebe da mesma maneira que os antigos o faziam através do arranjo de princípios compostivos. Ou seja, extraído do mesmo, no caso do precedente advindo da tradição erudita sua “essência” – suas leis ou princípios compostivos que o compõe, reinterpretando-o de uma maneira crítica, para ser aplicado na prática projetual, independente da época ou estilo que esse represente.

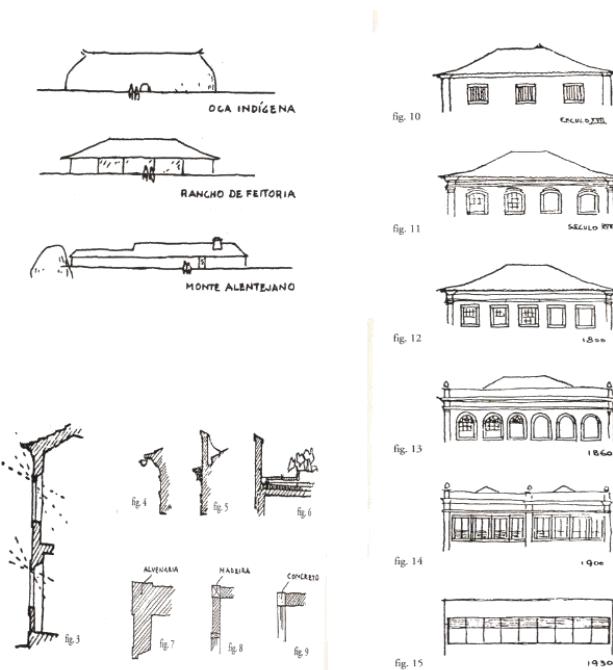
Assim, Costa parece querer agradar a todos buscando uma conciliação, em nome do amor à própria arquitetura, e esta seria outra possível razão, de seus preceitos ideológicos com relação ao fato que realmente Costa acredita que somente se cria uma arquitetura de excelência mantendo um permanente conhecimento do precedente, mesmo que a nova arquitetura, em sua aparência estilística, seja totalmente distinta daquela que a influenciou. Essa última constatação parece também se encaixar nas razões do precedente advindo da tradição popular, conforme fica evidenciado na citação anterior, quando Costa relata detalhadamente quais as análises críticas devem ser realizadas com a finalidade de subsidiar a criação arquitetônica no sentido de evolução da mesma ao afirmar que: “(...) Resultariam, de um exame menos apressado, observações curiosas, por isto em desacordo com certos preconceitos correntes e em apoio das experiências da moderna arquitetura, mostrando, mesmo, como ela também se enquadra dentro da evolução que se estava normalmente processando.”

A outra possível razão, talvez esteja no fato de tentar fazer um vínculo com o lugar. Em um país com poucos exemplares de uma arquitetura erudita digna de ser considerada por Costa verdadeira, o autor posiciona-se contra o ecletismo e o neocolonial que estavam sendo produzidos no início do século XX no País. O principal motivo é que suas formas não resultavam necessariamente da técnica construtiva utilizada, e assim muito de seus elementos de arquitetura eram apenas meros elementos decorativos, diferentemente da arquitetura de tradição popular proveniente do período colonial em que sua forma era o resultado de sua construção.

Nesse contexto, a arquitetura advinda de uma tradição popular, em que sua estética, mesmo que seja considerada interessante, não há como essência leis e princípios compositivos como a arquitetura advinda da tradição erudita. Se os tem, são geradas de uma maneira inconsciente, portanto neste quesito, Costa parece não levar em consideração em termos de importantes aprendizados para uma reinterpretação crítica do precedente e a extração de seu conhecimento para a criação da arquitetura moderna. Segundo o pensamento de Costa, parece que somente os elementos de composição e os elementos de arquitetura advindos da tradição popular seriam dignos de reaproveitar suas lições incorporando às necessidades e tecnologias provenientes do movimento moderno.

O mais relevante fator está no que mais adiante será abordado, ou seja, o fato de que no pensamento de Costa, com relação às razões que o levam a valorizar tanto a construção realizada no período colonial advindo da tradição popular, há um importante conceito de excelência arquitetônica, que ele vai esclarecer em textos que mais adiante serão melhores analisados, qual seja: a interdependência entre técnica construtiva utilizada e forma arquitetônica resultante.

Seguindo com a análise deste texto, Costa vai abordar a evolução tipológica das casas brasileiras, podendo-se identificar a predominância dos cheios (paredes) em relação aos vazios (aberturas), que ao longo dos séculos foi se invertendo, chegando ao momento atual, quando se observa a predominância dos vazios sobre os cheios. As casas, nos fins do século XVI e durante todo o século XVII, apresentavam os cheios predominando sobre os vazios. Com o aumento de policiamento, gradativamente as janelas foram aumentando; no século XVIII, cheios e vazios se equilibravam e no início do século XIX já havia o predomínio das aberturas; a partir de 1850 as ombreiras praticamente se encontram, até que a fachada, após 1900, começa a se apresentar quase toda rasgada, tendo muitas vezes ombreiras comuns. Tal fato ocorreu lentamente e talvez possa ser associado também aos panos de vidro que a arquitetura moderna conseguiu concretizar. Costa salienta a importância das varandas advindas da tradição popular colonial e valoriza o mestre de obras português, pois acredita que esse personagem tem muito a ensinar.

**Figura 1. Desenhos de Lucio Costa dos textos Tradição Local e Documentação Necessária.**

**Fonte:** (Costa, 1995d, p. 453).

O que se observa, portanto, é a tendência para abrir sempre a cada vez mais. E compreende-se que, com este nosso clima, tenha sido mesmo assim, pois, embora se fale tanto na luminosidade do nosso céu, na claridade excessiva dos nossos dias, etc., o fato é que as varandas, quando bem orientadas, são o melhor lugar que as nossas casas têm para se ficar; e que é a varanda, afinal, senão uma sala completamente aberta? Entretanto, quando nós, arquitetos modernos, pretendemos deixar todo aberto o lado bem orientado das salas: aqui del rey!

Verifica-se, assim, portanto, que os mestres-de-obras estavam, ainda em 1910, no bom caminho. Fieis à boa tradição portuguesa de não mentir, eles vinham aplicando, naturalmente, às suas construções meio feiosas todas as novas possibilidades da técnica moderna, como além das fachadas quase completamente abertas, as colunas finíssimas de ferro, os pisos de varanda armados com duplo T e abobadilhas, as escadas também de ferro, soltas e bem lançadas – ora direitas, ora curvas em S, outras vezes em caracol e, ainda, várias outras características, além da procura, não intencional, de um equilíbrio plástico diferente (Costa, 1995c, p. 460).

Analizando a citação anterior, observa-se a valorização dada por Costa ao comportamento denominado varanda, que vai se tornar um dos elementos de composição mais importantes para Costa, como será constatado na sua interpretação crítica e aplicação deste espaço em seus projetos. Nesse aspecto, a varanda é um elemento de composição advinda da tradição popular colonial, retomada por Costa por justificá-la em

função de ser considerada um espaço adequado ao clima brasileiro e que facilmente pode ser reinterpretado criticamente para ser utilizado na arquitetura moderna. Conforme suas próprias palavras: “(...) o fato é que as varandas, quando bem orientadas, são o melhor lugar que as nossas casas têm para se ficar; e que é a varanda, afinal, senão uma sala completamente aberta?”

E quanto às técnicas construtivas realizadas pela tradição popular, já no século XX, há outra importante constatação quando Costa afirma: “Fieis à boa tradição portuguesa de não mentir, eles vinham aplicando, naturalmente, às suas construções meio feiosas todas as novas possibilidades da técnica moderna (...).” Costa começa aos poucos a delinear um pensamento que vai elucidando algumas questões ao afirmar que as técnicas construtivas advindas da tradição popular podem desencadear em formas às vezes longe de padrões estéticos eruditos, porém, possuem como atributo principal a conexão entre técnica construtiva e forma resultante, ou seja, na frase anterior, há o uso da palavra mentir , que será analisado em capítulos posteriores, em que Costa, por antinomia, parece estruturar sua teoria de excelência arquitetônica por meio de pólos opostos, como os conceitos arquitetônicos relacionados entre mentira e verdade. Essa constatação leva aos indícios de que essa interdependência entre tecnologia e estética resultante, advinda da tradição popular colonial, pode ser uma das razões que leva Costa a valorizar tanto esses precedentes.

Nesse texto, publicado ainda nos anos 30, é possível constatar a mudança de pensamento de Costa com relação ao que ele próprio considerava um equívoco, a saber, a aplicação de estilos históricos característica do ecletismo e a possibilidade de fazer reviver, através do neocolonial, a tradição da arquitetura colonial brasileira, conforme se verifica na seguinte citação:

Foi quando surgiu, com a melhor das intenções, o chamado “movimento tradicionalista” de que também fizemos parte. Não percebíamos que a verdadeira tradição estava ali mesmo, a dois passos, com os mestres-de-obra nossos contemporâneos; fomos procurar, num artifício processo de adaptação – completamente fora daquela realidade maior que cada vez mais se fazia presente e a que os mestres se vinham adaptando com simplicidade e bom senso – os elementos já sem vida da época colonial: fingir por fingir, que ao menos se fingisse coisa nossa. E a farsa teria continuado – não fora o que sucedeu.

Cabe-nos agora recuperar todo esse tempo perdido, estendendo a mão ao mestre-de-obra, sempre tão achincalhado, ao velho “português” de 1910, porque digam o que quiserem – foi ele quem guardou, sozinho, a boa tradição (Costa, 1995c, p. 461).

Portanto, observa-se que a mesma reforça a ideia de que Costa valoriza a arquitetura de tradição popular colonial em suas raízes e afirma que somente os elementos ainda considerados pertinentes dessa arquitetura precedente é que podem ser reutilizados, desde que indissociáveis de uma verdade construtiva, devidamente adequados ao meio e ao momento presente. Os conceitos arquitetônicos relacionados com mentira e verdade podem ser destacados quando Costa fala na “verdadeira tradição” presente no trabalho dos mestres de obra da arquitetura de tradição popular do período colonial, que o movimento tradicionalista procurava apenas reviver estilisticamente, e não reinterpretar os elementos arquitetônicos relevantes em sua origem através de uma análise crítica, para embasar a criação arquitetônica moderna. Nesse ponto, Costa irá frisar: “ *fingir por fingir, que ao menos se fingisse coisa nossa. E a farsa teria continuado – não fora o que sucedeu*”.

Dessa maneira, observa-se que Costa parece vincular suas razões ao estudo do precedente advindo da tradição popular colonial pelo fato do mesmo possuir como fundamental atributo *a interdependência verdadeira entre tecnologia e forma plástica resultante*.

### ***“Tradição local”***

O texto “Tradição local” foi publicado no livro “Registro de uma vivência” em 1994 (1a edição) e no livro “Arquitetura” em 2002 (1a edição). Nesse texto, Costa trata da arquitetura regional portuguesa de tradição popular, que tem sua origem na terra e é consequência do meio físico e social, das condições econômicas e do desenvolvimento de sua tecnologia. Afirma que essa arquitetura foi trazida por seus colonizadores ao Brasil, agregada às experiências dos povos africanos e orientais, a partir da própria bagagem cultural do fazer arquitetônico que estes tinham, sendo finalmente adaptada ao novo meio.

Por esse motivo, Costa acredita que se torna importante conhecer a arquitetura regional portuguesa de caráter popular, para, assim, melhor entender as raízes da arquitetura aqui no Brasil. Costa constata, então, em sua viagem de estudos, com relação à arquitetura portuguesa popular, que há diferenças entre a arquitetura do norte e a do sul e que as técnicas utilizadas em cada região de Portugal influenciaram diretamente as regiões mais propícias no Brasil:

(...) Da Beira Baixa, ou cintura do país, para cima prevalece o contraste da pedra com a caiação, como no Entre-Douro e Minho, senão mesmo o emprego exclusivo do granito em grandes blocos toscos ou aparelhados como ocorre na Beira Alta e Trás-os-Montes; o ponto, ou seja, a inclinação dos telhados de tacanha - quatro águas - é geralmente amortecido graças ao recurso do chamado “contrafeito”, que é pequeno caibro complementar destinado precisamente a adoçar o ponto e a dar maior graça ao telhado na aproximação dos beirais (...).

“Cada mestre, oficial ou aprendiz – pedreiro, taipeiro, carpinteiro, alvanéu – trazia consigo a lembrança da sua província e a experiência do seu ofício, daí a simultânea adoção, logo de início, das diferenciadas feições arquitetônicas próprias de cada modo de construir: a taipa de sebe, ou demão – pau-a-pique -, o adobe, a alvenaria de tijolo, a pedra e cal (Costa, 1995f, pp. 451–452).

A diversidade dos processos construtivos vindos de Portugal, segundo Costa, nos dois primeiros séculos, para o Brasil, foi aos poucos se definindo por determinada época e local mais propício, tais como taipa de pilão, em São Paulo; alvenaria de tijolo, em Pernambuco e na Bahia; o pau-a-pique sobre baldrames de pedra em Minas Gerais devido aos terrenos acidentados; a grande quantidade de granito foi utilizado em áreas urbanas e como suporte e arquitrave (sistema construtivo da Grécia antiga), no Rio de Janeiro.

Esse estudo minucioso de Costa, em relação às técnicas construtivas, vindas de Portugal para o Brasil, no período colonial, assim como suas constatações no que se refere à predominância de cada uma dessas técnicas, em regiões brasileiras mais similares com as regiões que as originaram, demonstram o quanto Costa valorizava o precedente advindo da tradição popular colonial, através de estudos detalhados de suas técnicas e materiais empregados.

Costa afirma que a influência das moradias indígenas na arquitetura brasileira está vinculada exclusivamente ao “programa” das primeiras casas, ou seja, a grandes espaços cobertos nos ranchos, para abrigar a quantidade de colonos que eram trazidos pelas frotas. Devido à sua grande dimensão, Costa diz que esses telhados eram pouco afastados do chão, como no caso dos engenhos, diferentes das soluções empregadas nas regiões metropolitanas, que dividiam o telhado maior em partes menores de telhados, identificando relações com as ocas monumentais de nativos por apresentarem estruturas de formas puras e proporcionais, bem como sua implantação ser em clareiras como as dos índios.

Costa constata que o fogo também assume semelhanças nas casas do trasmontano e do indígena, que para manter o local aquecido, aproveitava o fogo da cozinha deixando escapar a fumaça pela telha-vã ou por um dispositivo na cumeeira das ocas. O relato de Costa, a seguir, demonstra o seu interesse em conhecer a evolução das casas brasileiras a partir da tradição popular colonial e, posteriormente, observa-se a aplicação desses elementos em sua prática projetual como, por exemplo, no projeto para o “Parque Guinle”, em que ele renova a questão do uso das varandas (social e a caseira), que será melhor esclarecido na seqüência:

(...) Daí a paradoxal contradição observada em Portugal da ausência de chaminés nas áreas frias do norte, para que o calor beneficie a casa toda, e a presença ostensiva delas no sul, onde o calor encontra-se apenas na lareira para que não se espreie pelo resto da casa.

De fato, ao entrar no país certa vez por Bragança divisei do alto da serra ao crepúsculo, no fundo do vale, os telhados do casario a fumegar, associando então a tal costume a ausência de puxados ou cozinhas nos exemplares mais puros das casas seiscentistas preservadas em São Paulo, cuja planta retangular e simétrica dispõe de um salão central de chão de terra batida e telha-vã e de duas varandas embutidas no corpo da casa como as loggias paladianas; a dos fundos, caseira e de serviço, a da frente social e de receber, tendo num extremo a capela e no outro uma camarinha, sem acesso ao corpo da casa, para pouso eventual de viajantes. No alto salão ficava a comprida mesa de pranchões com seu bancos; é aí nesse grande hall medieval, com fogo sempre aceso no inverno, que armavam as trempes e assavam a rês ou caça do dia.

É interessante assinalar que esse esquema foi o embrião da casa rural brasileira. E não só a rural como também a de arrabalde, até fins do século XIX – apenas acrescida do puxado de serviço: sala de jantar aos fundos dando para a varanda doméstica e o quintal, e sala da frente com varanda ou terraço de receber; as duas articuladas por extenso corredor, com quartos de uma banda e de outra, o que garantia, no verão, boa tiragem. Assim, pois, de certo modo, tudo se entrosa – a oca indígena, a casa trasmontana, a casa chamada do “bandeirante”, a casa da fazenda, a casa de arrabalde, a casa urbana de bairro.

Há certa tendência a considerar imitações de obras reinóis as obras e peças realizadas na colônia. Na verdade, porém, são obras tão legítimas quanto as de lá, porquanto o colono, par droit de conquête, estava em casa, e o que fazia aqui, de semelhante ou já diferenciado, era o que lhe apetecia fazer – assim como ao falar português não estava a imitar ninguém, senão a falar, com sotaque ou não, a própria língua (Costa, 1995f, pp. 453–454).

Dessa forma, Costa fez um profundo estudo em relação ao uso das varandas, constatando a presença de varandas caseiras ou sociais na parte frontal das moradias com a finalidade de receber e, na parte dos fundos, a de serviço. Como antes já havia sido comentado a varanda torna-se um importante elemento de composição advindo do precedente da tradição popular colonial que Costa não somente discute teoricamente, mas aplica na sua prática projetual, reinterpretando o mesmo, que se faz presente em suas soluções, como no projeto do Parque Guinle. Costa vai explicar o uso da varanda no memorial descritivo do projeto; da mesma forma, nota-se a presença de uma releitura das varandas tradicionais no uso dado aos pilotis como sendo novas varandas, presente nos projetos das Casas sem Dono e, por exemplo, na Vila Operária em Monlevade e, até mesmo, no projeto da Cidade Universitária.

Como já comentado anteriormente, Costa parece ter como meta mediar um processo abrupto de transformações sociais advindos da revolução industrial. E como mediador dessas mudanças, Costa, ao valorizar a nova arquitetura, também denominada de arquitetura moderna, fará referência aos precedentes advindos de ambas tradições, erudita e popular, com o intuito de criar vínculos com o passado, admitindo a importância da evolução da arquitetura. Nesse sentido, afirma que, para tanto, não há necessidade de romper com tudo que precedeu, pois é precisamente nos precedentes que reside à riqueza do conhecimento arquitetônico. Portanto, Costa parece apresentar indícios, em seu trabalho escrito, que o precedente é uma fonte inesgotável do saber arquitetônico, desde que interpretado criticamente, e que o mesmo pode servir de ponte para o novo, sem ter que perder o vínculo com a tradição, seja ela qual for.

O que Costa vai deixar claro em sua teoria é que o precedente é fundamental para uma criação arquitetônica de excelência, seja qual for o período que se esteja criando algo, mas não é qualquer precedente e não é qualquer ensinamento do mesmo que serve de aprendizado para o arquiteto aplicar na sua prática projetual, vinculando-o ao momento presente. Nesse sentido, aos poucos seus textos vão delineando papéis específicos para cada tipo de precedente pesquisado, e delimitando conhecimentos específicos que deles podem ser retirados: Costa vai paulatinamente esclarecendo que da tradição erudita devem-se extrair as regras compostivas e, da tradição popular, deve-se extrair o conhecimento de seus elementos de composição e de seus elementos de arquitetura. Porém, em ambos, percebe-se que não é qualquer precedente que serve de paradigma para a extração desse conhecimento.

Além de razões ligadas a uma preocupação em fazer uma conciliação entre o novo e o tradicional, entre seus ideais sobre aquilo que concerne, em seu pensamento, aos quesitos de concepção de uma arquitetura de excelência, há a seguinte indagação: Quais as razões que Costa vai dar para distinguir o precedente válido para a extração de conhecimento seja qual for a finalidade de aplicação do mesmo? Ou seja, há indícios de que as razões da aplicação do conhecimento do precedente estão relacionadas com sua preocupação em mediar uma situação de grandes transformações e acalmar o ânimo dos profissionais que estão, segundo Costa, “degladiando-se” e, também, com questões idealistas, no sentido de acreditar que essa é a melhor maneira de criar algo de excelência em arquitetura. Não respondem, ainda, as razões do precedente em si mesmo como foco central de toda a sua teoria para embasar a arquitetura moderna.

O que se percebe é que não se trata de qualquer precedente, pois já se sabe que Costa posiciona-se drasticamente contrário aos precedentes advindos do ecletismo e do neocolonial, afirmando que suas formas não são consequência direta das técnicas construtivas que os originaram. Também, recordando o texto “Razões”, Costa se posiciona contra a arquitetura americana e romana pelo fato de ter um tipo de técnica construtiva diferente das dos precedentes em que esses estão se baseando, europeus, do período neoclássico, e dos gregos, do período da antiguidade clássica, respectivamente, ao utilizar elementos decorativos dos mesmos. Tais fatos vão dando indícios de que as razões do precedente para Costa podem estar relacionadas com a interdependência verdadeira entre tecnologia e forma plástica resultante.

### **“SPHAN”**

No texto “**SPHAN**” (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), presente no livro “Registro de uma vivência”, publicado em 1994 (1a edição), Costa afirma que todo o processo de transformação desencadeado pela arquitetura moderna foi alicerçado na renovação de elementos considerados ainda pertinentes, advindos da tradição popular, sendo tal fato uma preocupação constante entre todos os envolvidos:

No Brasil, tanto em 22 como em 36, os empenhados na renovação foram os mesmos empenhados na “preservação”, quando alhures, na época, eram pessoas de formação antagônica e se contrapunham.

Em 22, Mário, Tarsila, Oswald e Cia., enquanto atualizavam internacionalmente a nossa defasada cultura, também percorriam as cidades antigas de Minas e do norte, na busca “antropofágica” das nossas raízes; em 1936, os arquitetos que lutaram pela adequação arquitetônica às novas tecnologias construtivas, foram os mesmos que se empenharam com Rodrigo M. F. de Andrade no estudo e salvaguarda do permanente testemunho do nosso passado autêntico (Costa, 1995e, p. 437).

No trecho citado, verifica-se que Costa reforça a ideia de que a arquitetura moderna mantém o vínculo com a tradição, pois as pessoas que estavam envolvidas com o estudo e preservação do passado eram os mesmos que estavam preocupados com a renovação da arquitetura. Observa-se, portanto, que todo o conhecimento adquirido em seu trabalho pelo SPHAN foi considerado imprescindível para a fundamentação de sua teoria e prática projetual. A partir de seu interesse em estudar e analisar criticamente o precedente com relação aos elementos de arquitetura e de composição, considerados por Costa expressivamente relevantes, bem como sua associação, concebida a partir das técnicas tradicionais populares, às técnicas do concreto armado.

### ***“Anotações ao correr da lembrança”***

O Texto “**Anotações ao correr da lembrança**”, proveniente provavelmente de suas viagens pelo SPHAN, foi publicado no livro “Registro de uma vivência”, em 1994 (1a edição), e no livro “Arquitetura”, em 2002 (1a edição). Nesse texto, são relatados os tipos variados de materiais, apresentadas diferentes tecnologias e tipologias referentes às casas brasileiras no passado, em diferentes lugares, tais como Pernambuco, Goiás, Amazônia, Maranhão, Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Rio Grande do Sul. Costa mostra, por intermédio desse texto, as semelhanças e diferenças dos precedentes característicos de cada região, como pode se observar a seguir:

7- Na região do Rio de Janeiro floresceu – o termo é bem este – uma arquitetura rural alpendrada com colunas toscanas à moda do Minho, mas tudo caiado de branco à maneira da Estremadura, de que a casa de fazenda do Colubandê com a sua importante capela anexa, cuja imagem de Sant’Anna consta do Santuário Mariano, é, sem favor, o mais gracioso e puro exemplar. Debret dedica a prancha 42 do seu precioso documentário a esse estilo de casa típico da região, confrontando a sua planta com o esquema da casa romana – o peristilo, o impluvium, o triclinio, ou sala de jantar, aos fundos, como ficou na nossa tradição. Existe algo semelhante em outras áreas do país, mas não com o mesmo apuro e constância, e geralmente são casas com o avarandado todo à volta, como no Ceará, por exemplo, e de construção mais simples: fustes cilíndricos praticamente sem base nem capitel, e encaibramento apertado, de pau roliço, justo o necessário para receber de cada vez uma fiada apenas de telha vã.

8 – O revestimento de azulejos nas fachadas das casas, característica do século XIX, ocorreu em toda a faixa litorânea – em Minas não há exemplo – de Belém e de São Luís, onde foi mais frequente, a Porto Alegre, onde foi mais elaborado, com azulejos especiais para pilastras e capitéis. No Rio de Janeiro foram comuníssimos, juntamente com vasos e estatuetas no coroamento das platibandas e telhões esmaltados, de fundo azul ou branco, nos beirais. Conquanto procedentes na sua maioria da fábrica de Santo Antonio, no Porto, lá são raríssimos, isto porque a cidade já estava pronta – vinha tudo para cá.

9 – Sacadas sobre bacias de pedra nas construções de alvenaria ou sobre barrotes em balanço nas de pau-a-pique, bem como balcões corridos, foram comuns, primeiramente protegidos por forte guarda-corpo de ferro forjado, com a característica portuguesa de dispor uma barra horizontal a um terço da altura da sacada, levando-se apenas as peças verticais extremas e uma ou duas intermediárias até a barra de peito (Costa, 1995a, pp. 503-509).

Costa observa atentamente o precedente advindo da tradição popular colonial nos aspectos referentes aos elementos de composição e aos elementos de arquitetura. Ao citar Debret, quando este compara algumas soluções projetuais realizadas no Brasil com a arquitetura romana, afirma que “confrontando a sua planta com o esquema da casa romana – o peristilo, o impluvium, o triclinio, ou sala de jantar, aos fundos, como ficou na nossa tradição”, parece que Costa evidencia nesta frase uma mescla de influências advindas entre precedentes eruditos e populares na conformação da casa brasileira.

Na citação anterior, Costa novamente faz menção ao “avarandado” como um dos mais importantes elementos de composição advindos da tradição popular colonial, fato este bastante representativo quando Costa retoma esse elemento e o aplica em sua prática projetual, conforme comentado anteriormente. Quanto aos elementos de arquitetura, Costa analisa os mesmos afirmando que é “(...) *tudo caiado de branco (...) fustes cilíndricos praticamente sem base nem capitel, e encaibramento apertado, de pau roliço, justo o necessário para receber de cada vez uma fiada apenas de telha vã*”. Da mesma maneira que os elementos de composição, os elementos de arquitetura por ele analisados serão retomados e aplicados em sua prática projetual, como poderemos ver mais adiante.

Costa, ao analisar os elementos de arquitetura advindos da tradição popular colonial o faz em relação, principalmente, aos materiais e técnicas construtivas empregadas no sentido de interpretar esse precedente em sua essência e não apenas em sua aparência estilística, que em outro sentido, seria buscar elementos de arquitetura para aplicação direta de sua representatividade estética, contudo sem uma razão de ser, como foi o caso, na opinião de Costa, do estilo neocolonial e do ecletismo. Da mesma maneira,

observa-se que Costa, ao aplicar a solução de varandas em seus projetos, não faz uma cópia literal da montagem das plantas do período colonial. Costa interpreta criticamente o precedente e o atualiza para o seu tempo, fazendo com que haja uma ligação com o passado, mas não no sentido de cópia acrítica de modelos, que era justamente o que ele refutava.

A citação a seguir torna-se de suma importância, pois Costa aborda os elementos de arquitetura advindos da tradição popular colonial. Assim, reforça a ideia anteriormente exposta, sobre o tipo de análise crítica que faz ao se referir ao precedente acerca das técnicas construtivas reinterpretadas em sua essência, ou seja, tentar entender como no passado aquele determinado precedente foi executado e sua capacidade de associar e transportar esse conhecimento adquirido para o momento presente levando em consideração o contexto atual, como as novas tecnologias:

Já no pau-a-pique o cachorro tem ligeira inclinação porque é apenas travado, internamente, por um pau roliço interposto entre ele e o caibro, aos quais vem se ajustar a cornija sanqueada que delimita o encontro do forro do cômodo com a parede. O arcabouço é todo de madeira e independe dessas paredes que são mero enchimento como ocorre hoje com o concreto armado, e a casa se apóia nos próprios esteios, ou pilotis. Este processo construtivo foi intensamente empregado em grande parte do Estado do Rio e em Minas, tanto com esmerado apuro em casas de fazenda e urbanas – Diamantina, por exemplo, é toda de pau-a-pique -, como na sua forma mais rudimentar, na casa do pobre. Ainda agora, como já referido em “Documentação Necessária”, é só andar pelo interior que elas logo surgem ao longo das estradas. Feitas com pau do mato próximo e da terra do chão, mal barreadas, como casas de bicho, dão abrigo a toda a família – crianças de colo, garotos, meninas, os velhos, tudo de mistura e com aquele ar doente e parado, esperando... E ninguém liga de tão habituado que está, pois aquilo faz parte da terra como formigueiro, figueira brava e pé de milho – é o chão que continua (Costa, 1995a, p. 498).

Ao analisar a citação anterior, observa-se que Costa vai chegar a uma brilhante conclusão. Os novos materiais (concreto armado e aço) provenientes do desenvolvimento tecnológico da era da máquina, apesar de uma série de vantagens que os mesmos proporcionaram (rapidez da construção, permitem vencer grandes vãos, possibilitam a construção em grandes alturas, etc.) não são os responsáveis por uma inovação - estrutura independente da vedação. Muitos arquitetos do movimento moderno argumentarão que a estrutura independente da vedação é uma solução construtiva nova e apenas desencadeada destes novos materiais. Porém, Costa de uma maneira inteligente vai afirmar que na realidade, não há nada de novo no aspecto que se refere ao fato que somente o concreto armado disponibilizou a construção da estrutura independente da vedação. Costa, ao estudar

profundamente o precedente de tradição popular colonial, perceberá que as técnicas construtivas advindas desse período tiveram resultados iguais ao que a arquitetura moderna parece achar que estaria inovando, segundo suas próprias palavras: “*O arcabouço é todo de madeira e independe dessas paredes que são mero enchimento como ocorre hoje com o concreto armado, e a casa se apóia nos próprios esteios, ou pilotis*”. Conforme essa importante constatação de Costa, novamente percebe-se que para Costa a arquitetura moderna também é tradicional com relação ao tipo de técnica construtiva empregada, não com relação ao material empregado ou com relação ao avanço tecnológico que o mesmo possibilita, mas no aspecto que, em essência, ambas desencadeiam, em estruturas independentes da vedação, podendo deixar o terreno totalmente vazado (pilotis) e é precisamente esse o ponto que Costa conclui em sua análise crítica do precedente.

No texto “Razões da Nova Arquitetura”, de 1934, observa-se menções de Costa à tradição erudita, em que Costa faz um esforço no sentido de tentar provar que a arquitetura moderna é concebida pelos mesmos princípios ou leis compostivas como qualquer outro precedente considerado paradigma da arquitetura de tradição erudita era concebido. Nesse aspecto, a arquitetura moderna era rigorosamente tradicional; o que diferia a mesma das demais era a sua forma plástica, resultante das novas tecnologias. No entanto, nesse sentido, Costa, também irá demonstrar que, ao longo da história, a arquitetura característica de um determinado período possui uma plasticidade formal que é resultado de suas técnicas construtivas e é precisamente nesse ponto que se distingue um estilo de outro estilo. Assim, se algumas pessoas afirmam que a arquitetura moderna se repete igualmente pelo mundo denominando-a de estilo internacional, Costa também irá argumentar que a mesma apenas está sendo rigorosamente tradicional, pois a história da arquitetura demonstra que os estilos se apuram devido à sua repetição. Também, prossegue em sua argumentação quando afirma que o estilo eclético é um dos mais representativos do estilo internacional da qual ele refutava. Desse modo, na última citação transcrita, Costa consegue vincular a arquitetura moderna no Brasil às técnicas construtivas de tradição popular advindas do período colonial. Portanto, Costa parece estruturar argumentos que indicam que, para ele, a arquitetura moderna não rompe com nada em termos daquilo que se considera ser tradicional em arquitetura, seja advindo de uma tradição erudita, seja advindo da tradição popular. Para Costa, arquitetura moderna é totalmente tradicional e faz parte de um processo de evolução da própria disciplina arquitetura.

### **“Arquitetura Bioclimática”**

O texto “**Arquitetura Bioclimática**”, de 1983, refere-se à comemoração dos 70 anos da invenção do ar condicionado por Willis Havilland Carrier. Nele, Costa apresenta uma constatação já anteriormente feita, em função de seu profundo conhecimento sobre a arquitetura de tradição popular, afirmando que soluções técnicas consideradas ainda válidas podem e devem ser reaplicadas no presente momento, através de uma readaptação do precedente:

É evidente que muitos dos engenhosos recursos de aeração usados na arquitetura popular ou primitiva dos climas quentes e ainda de aplicação possível entre nós da Bahia para cima, seriam impraticáveis do Estado do Espírito Santo para baixo ou para o interior, devido às dificuldades de vedação, necessária em grande parte do ano por causa da friagem. Contudo, havendo da parte dos arquitetos essa preocupação pelo conforto ambiental, é sempre possível a adaptação de recursos simples que possibilitem ventilação cruzada nos aposentos, complementada, no caso dos edifícios de apartamentos ou de escritórios, pela criação de poços de tiragem, inclusive com frestas abertas em cada andar na prumada dos elevadores, bem como na entrada de cada apartamento ou escritório, garantindo-se desse modo a circulação forçada do ar do térreo (pilotis) à cobertura, tal como ocorria nas casas de arrabalde do século passado, onde os extensos corredores da sala de entrada à sala de jantar sempre localizada nos fundos e dando para o quintal, possibilitavam a necessária tiragem, inclusive para as duas ordens de quarto dispostos em sequência ao longo deles. Importa, igualmente, propiciar a circulação do ar entre os cômodos. Para tanto, basta que determinadas paredes no seu encontro, de topo, com paredes que lhe sejam ortogonais, não encostem nelas, deixando assim frestas do teto ao chão vedadas com simples tábuas pivotantes, de arestas ligeiramente boleadas e de preferência esmaltadas de cor; e que ainda, se abram em paredes externas ou internas pequenos postigos complementares de ventilação (Costa, 1995b, p. 239).

Costa, segundo suas palavras, observava atentamente o precedente advindo da tradição popular do período colonial, aproveitando lições deixadas pelos grandes mestres do passado, com a finalidade de reaproveitá-las no momento atual. Importante salientar que esse texto foi escrito na década de oitenta, portanto, quase cinqüenta anos desde a publicação de “Documentação Necessária”, texto inicial que marcou a valorização da tradição popular colonial por Costa e, nesse aspecto, evidencia-se, em conjunto com a seqüência cronológica dos demais textos examinados nesse artigo, coerência em seu pensamento com relação ao papel do precedente em sua concepção arquitetônica.

## CONSTATAÇÕES

Nos textos examinados nesse artigo Costa demonstra que a arquitetura advinda dos precedentes de tradição popular do período colonial assume o papel principal em sua teoria, pois representam o contexto brasileiro em sua ‘essência’, a saber, estão impregnadas nos mesmos a história e a cultura arquitetônica brasileira. Como o Brasil é um país jovem, os estilos arquitetônicos ainda são incipientes no momento de sua atuação, aos quais apenas se acresce, além da arquitetura do período colonial, os estilos ecléticos e neocoloniais. Lucio Costa, contudo, irá refutá-los, pois não possuem certos atributos fundamentais em sua concepção. Parece, portanto, que os precedentes válidos, segundo o pensamento de Costa sobre suas possíveis razões da tradição, são os que possuem como principal atributo a interdependência entre tecnologia e forma plástica e que, em particular, no Brasil, sobraram apenas os do período colonial, advindos da tradição popular.

Sendo assim, esses seriam os precedentes que fariam o vínculo com o lugar, com o contexto sócio-cultural do país, para evitar que a arquitetura moderna se implantasse, aqui, completamente desconectada de tudo. Nesse sentido, parece que o pensamento de Costa está baseado em aspectos ideológicos, naquilo que Costa realmente acredita estar implícito na criação de uma arquitetura de excelência, da busca talvez de valorizar a mão-de-obra existente retomando as técnicas construtivas tradicionais, evitando assim rupturas drásticas com tudo que precedeu. Nesse aspecto, Costa parece estar percorrendo uma tendência naturalista, proveniente, talvez, de teorias evolucionistas.

Desse modo, outras possíveis razões de Costa que fundamentam a referência à tradição popular colonial estão na busca, através desses precedentes, de lições que complementariam aquelas provenientes da tradição erudita, no sentido de criar elos ou vínculos. No caso da tradição popular colonial, observa-se que em seus textos Costa irá valorizar o conhecimento dos seus elementos de composição e de seus elementos de arquitetura, pois como são precedentes advindos de uma tradição popular, não há como extrair dos mesmos suas leis ou princípios compostivos, porque se existem, foram realizados inconscientemente e, nesse caso, Costa os extrairá dos precedentes de tradição erudita clássico-acadêmica, por considerá-la inerente ao ensino profissional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Centro de Estudos de Teoria de Arquitetura. (1954). *Artigos e estudos de Lucio Costa*.
- Comas, C. E. D. (2002). *Precisões brasileiras: Sobre um passado da arquitetura e urbanismo modernos a partir dos projetos e obras de Lucio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & cia., 1936-45* (Tese de doutoramento). Université de Paris VIII.
- Costa, L. (1995a). Anotações ao correr da lembrança. In *Lucio Costa: Registro de uma vivência* (2.ª ed.). Empresa das Artes.
- Costa, L. (1995b). Arquitetura bioclimática (1983). In *Lucio Costa: Registro de uma vivência* (2.ª ed.). Empresa das Artes.
- Costa, L. (1995c). Documentação necessária. In *Lucio Costa: Registro de uma vivência* (2.ª ed.). Empresa das Artes.
- Costa, L. (1995d). *Lucio Costa: Registro de uma vivência* (2.ª ed.). Empresa das Artes.
- Costa, L. (1995e). SPHAN. In *Lucio Costa: Registro de uma vivência* (2.ª ed.). Empresa das Artes.
- Costa, L. (1995f). Tradição local. In *Lucio Costa: Registro de uma vivência* (2.ª ed.). Empresa das Artes.
- Guadet, J. (1909). *Éléments et théorie de l'architecture: Cours professé à l'École nationale et spéciale des beaux-arts* (4.ª ed.). Librairie de la Construction Moderne.